

**INFLUENCIAS ALEMANAS EN LA  
EDUCACIÓN ESPAÑOLA E IBEROAMERICANA  
(1809-2009)**

**INFLUENCIAS ALEMANAS EN LA  
EDUCACIÓN ESPAÑOLA E IBEROAMERICANA  
(1809-2009)**



**José María Hernández Díaz  
(Coordinador)**

**José María  
Hernández Díaz  
(Coordinador)**



**Globalia Ediciones Anthema**

# INFLUENCIAS ALEMANAS EN LA EDUCACIÓN ESPAÑOLA E IBEROAMERICANA (1809-2009)



José María Hernández Díaz  
(Coordinador)

**Coordinador:** José María Hernández Díaz.

**Comité editorial:** Juan Francisco Cerezo Manrique, Isabel Ramos Ruiz, José Manuel Alfonso Sánchez, José Luis Hernández Huerta, Laura Sánchez Blanco, Francisco José Rebordinos Hernando, Sara González Gómez, Olga Chamorro Bastos, Alexia Cachazo Vasallo.

© Los autores

© De la presente edición: Los editores.

**I.S.B.N.:** 978-84-95229-92-2

**Depósito legal:** S. 1255-2009

**Diseño y composición:** José Luis Hernández Huerta.

**Edita:** Globalia Ediciones Anthema y José Luis Hernández Huerta.

**Realiza:** Globalia Artes Gráficas.

C/. Severo Ochoa, 9. Pol. Ind. «Los Villares»

Tel.: 923 20 43 97 - Fax: 923 20 43 21

37184 Villares de la Reina (Salamanca)

Reservados todos los derechos. Ni la totalidad ni parte de esta publicación pueden reproducirse, registrarse o transmitirse, por un sistema de recuperación de información, en ninguna forma ni por ningún medio, sea electrónico, mecánico, fotoquímico, magnético o electroóptico, por fotocopia, grabación o cualquier otro, sin permiso previo por escrito de los titulares del Copyright.

## ENSINAR: TAREFA DE MULHERES?

Evangelina Silva

E-mail: Evangelina.silva@dren.min-edu.pt  
(Ministerio de Educación, Portugal)

Pretendendo reflectir a feminização na profissão professor, dedicamos atenção ao caso particular do distrito de Bragança, no nordeste transmontano, procurando perceber se esta realidade será perceptível em outros contextos geográficos, nomeadamente na Europa. Nesse sentido questionámos: Será a profissão professor uma profissão de mulheres? Será que a docência é um espaço específico de mulheres? Que razões justificam a feminização do ensino sob liderança masculina?

No seguimento das ideias sublinhadas por alguns investigadores e nas quais alicerçamos esta reflexão, procuramos dar o nosso contributo para o entendimento da profissão professor à qual, desde sempre, se colocaram enormes desafios. Hoje, claramente, mais que nunca. Sabemos que a história da profissão confirma que assim tem sido. Contemporaneamente, continua a ser uma profissão marcada pela ambiguidade de papéis e por um elevado índice de feminização, contribuindo para que aos professores seja atribuído um *status* social de minoridade, comparativamente com outros grupos profissionais. Mas, esta questão emerge em outros países da Europa, como é o caso da Alemanha onde esta problemática vem sendo equacionada desde 1980, sendo nos últimos dois anos motivo de preocupação e de intensos debates entre intelectuais e a sociedade civil, como salienta Mareli Eliane Graupe (2008).

O debate sobre o processo de afirmação enquanto profissão, tem sido matizado por ambiguidades, e a segunda metade do século XIX é um momento importante para compreender a ambiguidade do estatuto dos professores. Estas perplexidades acentuam-se com a feminização do professorado, fenómeno que se torna visível na viragem do século e que introduz um novo dilema entre as imagens masculinas e femininas (Nóvoa, 1995a, pág. 18).

Por outro lado o magistério, com grande tradição nesta região, tem sido entendido como sinónimo de amor, ofício, vocação, missão, sacerdócio, ocupação (...) e raramente lhe é atribuído um *status* profissional de acordo com a relevância do seu papel social. Todavia, alguns investigadores apontam como uma das razões o facto de um grande número de mulheres trabalharem na docência. Sublinham que se trata de uma profissão altamente feminizada e as mulheres sendo um grupo socialmente discriminado essa circunstância tem reflexos que contribuem para a desvalorização social, do grupo profissional (Hoyle, 1987, citado por Sacristán, 1995, Cavaco, 1993, Nóvoa, 1995a, Abraham, 2000, Andrade 2005, Graude, 2008). À luz dos pressupostos apresentados, vamos de seguida analisar o que se passa num distrito onde vivem e onde trabalham muitos professores.

### As mulheres professoras no distrito de Bragança

Como explicitam os investigadores anteriormente citados, a docência é uma profissão maioritariamente exercida por mulheres, fomos averiguar o caso particular do distrito de Bragança. Esta constatação é válida não apenas para Portugal, mas de uma forma generalizada, para todos os países da Europa e do Mundo Ocidental. Citando de novo o caso da Alemanha, *a profissão docente é constituída por aproximadamente 70% de mulheres e nos anos iniciais do Ensino (Grundschule) este número ainda é maior* (Beuster, 2006, pág. 11).

Concelho	Ed. Infância		Prof. 1.ºCEB		Prof. 2.ºCEB		Prof. 3.ºCEB		Total	
	Sexo		Sexo		Sexo		Sexo		Sexo	
	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Alfândega da Fé	0	11	6	27	10	12	13	21	29	71
Bragança	1	33	30	220	50	90	121	172	202	515
Carraceda de Ansiães	0	9	9	47	15	17	22	33	46	106
Freixo de Espada à Cinta	0	6	4	16	5	9	3	15	12	46
Macedo de Cavaleiros	0	30	22	114	19	32	25	54	66	230
Miranda do Douro	0	11	8	36	19	16	22	33	49	96
Mirandela	0	41	18	145	40	54	43	75	101	315
Mogadouro	0	9	7	57	9	20	24	27	40	113
Torre de Moncorvo	0	21	10	32	9	22	16	29	35	104
Vila Flor	0	13	8	40	8	14	7	8	23	75
Vimioso	0	9	3	24	11	9	7	8	21	50
Vinhais	0	17	3	41	12	11	11	29	26	98
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>210</b>	<b>128</b>	<b>799</b>	<b>207</b>	<b>306</b>	<b>314</b>	<b>504</b>	<b>650</b>	<b>1819</b>

Quadro I – Professores do Ensino Pré-escolar, 1, 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico a exercer no distrito de Bragança

Numa tentativa de sustentar o nosso conhecimento empírico, pretendíamos investigar se também, nesta região, as mulheres estavam em número significativo na docência, dando crédito às múltiplas investigações sobre esta temática, ou se pelo contrário outras particularidades seriam encontradas, dado as singularidades do nordeste transmontano. Contamos com a colaboração dos Conselhos Executivos dos Agrupamentos Escolas, responsáveis pela direcção das escolas. Na sequência dessa colaboração, foi possível conhecer, de forma rigorosa, qual a situação, no ano lectivo de 2004/2005, quer quanto ao número total de professores, quer quanto à sua distribuição por ciclos de ensino, tendo em conta o género. No quadro I encontram-se sintetizados os resultados da nossa recolha, permitindo chegar a algumas conclusões demasiado evidentes, pela leitura, análise e reflexão dos números apresentados.

Numa primeira análise e lendo apenas os totais, percebemos de imediato que a maioria dos professores é, também neste contexto, constituída por mulheres. E, como complemento se visualizarmos o Gráfico I temos uma imagem clara da feminização da profissão no distrito. Através da sua leitura, verificamos que 74% dos professores, são do género feminino, o que representa uma percentagem elevada e de algum modo vem dar razão aos estudos já realizados, no âmbito da feminização da profissão professor.

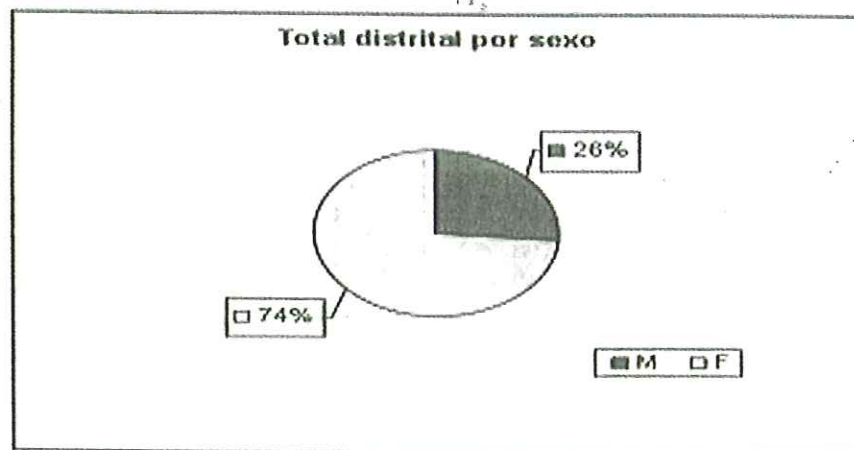


Gráfico I – Total distrital por género

Relativamente aos vários grupos de professores, constatamos que o grupo profissional - dos Educadores de Infância - é quase um exclusivo de mulheres. No distrito, apenas, 1 professor exercia na educação de infância. E as restantes 210 eram professoras. No 1º ciclo do ensino básico as professoras estão em larga maioria (86%). Esta percentagem denota, de igual modo,

tratar-se de um espaço quase exclusivo de mulheres, tal como acontece com a educação de infância. Por outro lado, estes sectores de ensino são menos valorizados e menos reconhecidos socialmente apesar de, em Portugal, o Estatuto da Carreira Docente se aplicar a todos os docentes. Porém, o peso da tradição, as escolas (espaços) degradadas, bem como a desvalorização de que estes profissionais foram alvo, durante o período do Estado Novo, parecem ser significantes para determinar as representações sociais, que continuam a não favorecer a importância do seu magistério.

No 2º ciclo averiguámos que existia uma percentagem mais significativa de homens, passando para 40%. Na realidade, registam-se alterações, pois neste nível do ensino básico há um maior equilíbrio entre os géneros, quando comparativamente com os dois níveis de ensino anteriores.

No 3º ciclo do ensino básico volta a aumentar a percentagem de professoras (62%) embora permaneça algum equilíbrio entre os géneros, não aparecendo as disparidades registadas na educação de infância e no 1º ciclo.

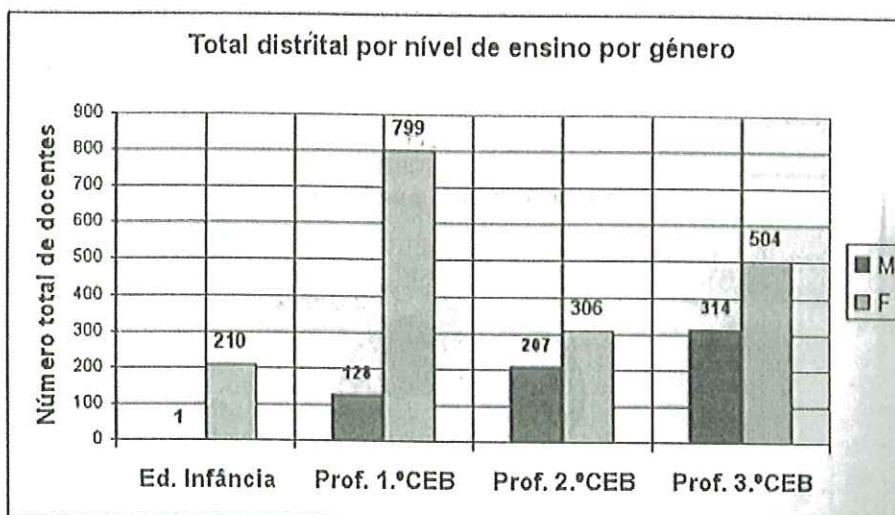


Gráfico II – Total distrital de professores por nível de ensino

No gráfico II, surge uma panorâmica global da situação do distrito permitindo-nos afirmar que, numa forma geral, as mulheres estão em maioria no exercício da docência. Há um facto que nos parece incontestável e é visível ao analisarmos estes dados. Sem dúvida que quanto mais inicial é o nível etário das crianças mais elevado é o número de docentes do género feminino em exercício. Destacamos como exemplo mais significativo a da educação de infância onde, apenas, exercia 1 professor.

No caso português, as razões da crescente feminização do ensino são várias mas prendem-se, de algum modo, com o aumento da procura da escola num momento político-social em que a escola é solicitada a dar respostas a novas aspirações sociais e em que havia manifesta falta de professores habilitados. Este facto permitiu a entrada de pessoas pouco qualificadas e, entre essas, muitas eram mulheres, contribuindo desta forma para a desqualificação social e profissional da função docente. Por outro lado, mesmo quando os professores possuíam as habilitações estabelecidas, não lhes era exigido um grau académico de nível superior o que veio a acentuar a deterioração do estatuto sócio-profissional, especialmente da educação de infância e do 1º ciclo do ensino básico, onde o número de mulheres é, indiscutivelmente, muito elevado.

Também, tradicionalmente, a sociedade atribuiu à mulher um papel de maior conformismo e dependência (Touraine, 2008). O seu trabalho foi, desde sempre, mal pago e assim o ensino foi sendo olhado como uma profissão ajustável ao papel de mulher e mãe, razões que levaram muitas mulheres a fazer esta opção profissional, como forma de sair para a esfera pública, mas sem quebrar as regras sociais. Muitas vezes era a única possibilidade de mobilidade social ascendente. Como é sabido a origem social do professorado, reconhecendo que tem uma base social alargada, é principalmente originária de estratos sociais médios ou baixos. A propósito, Braga da Cruz no Relatório «A Situação do Professor em Portugal», referiu que *o ingresso cada vez mais acentuado de mulheres na vida activa determinou uma maior feminização de algumas profissões, sobretudo daquelas que, pela sua natureza e tempos laborais, mais compatíveis se apresentavam com funções sociais tradicionalmente desempenhadas por mulheres, como a maternidade, a gestão doméstica e a educação dos filhos (...). A feminização da função docente tem assim também contribuído para a degradação sócio-profissional dos professores. O menor respeito a profissões exercidas por mulheres, não só em termos remuneratórios mas também sociais mais vastos, tem afectado o prestígio dos professores em geral* (1998, págs. 20-21).

Possivelmente, esta forma de encarar o trabalho feminino terá sido um factor importante que, aliado a outros constrangimentos, marcaram negativamente a forma de perceber e valorizar publicamente os profissionais da educação. Estas e outras preocupações investigativas decorrem do nosso conhecimento do distrito e das diversas alusões encontradas nas referências bibliográficas que nos sugerem uma profissão exercida maioritariamente por mulheres (Cruz, 1998, Araújo, 2000, Nóvoa, 2005). E perante a evidência de um cenário de feminização da profissão surge um enorme paradoxo na gestão e administração das escolas que é, maioritariamente, exercida e confiada aos professores, como teremos oportunidade de observar.

## O caso da administração e gestão das nossas escolas

Como sabemos, após a publicação do Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio, que regulamentava o regime de autonomia, gestão e administração dos estabelecimentos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário, surge uma nova organização na vida das escolas alterando, em especial, a forma como os diversos níveis de ensino se passaram a associar. O referido normativo no seu artigo 5º, no ponto 1, define: *O agrupamento de escolas é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de educação pré-escolar e de um ou mais níveis e ciclos de ensino, a partir de um projecto pedagógico comum, com vista à realização das finalidades seguintes: a) Favorecer um percurso sequencial e articulado dos alunos abrangidos pela escolaridade obrigatória numa dada área geográfica; b) Superar situações de isolamento de estabelecimentos e prevenir a exclusão social (...).* Como, também, salienta o preâmbulo deste diploma passa a dar-se especial atenção às *escolas do 1º ciclo do ensino básico e aos jardins-de-infância, integrando-os, de pleno direito, numa organização coerente de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos de educação (...).*

Neste contexto geográfico surgiram os «Agrupamentos Horizontais de Escolas» (apenas com 1º ciclo e educação pré-escolar) e os «Agrupamentos Verticais de Escolas» que podem integrar todos os níveis de ensino. Neste caso, as escolas do Nordeste Transmontano agruparam-se em 17 Agrupamentos de Escolas (vários níveis de ensino) e 9 Escolas Secundárias associando, apenas, o 3º ciclo do ensino básico e o ensino secundário.

### Direcção Executiva

No âmbito da reestruturação evidenciada, os Agrupamentos de Escolas/Escolas são dotados de estruturas e órgãos de administração e gestão próprios, entre eles a Direcção Executiva, conforme prevê o artigo 15º, do Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio. Em princípio, a mesma é assegurada por um presidente e dois vice-presidentes, ou por um director que será apoiado por dois adjuntos designados.

No caso do distrito de Bragança todas as Escolas optaram, no seu Regulamento Interno, pela eleição de um Conselho Executivo, por entenderem como necessário aprofundar uma maior cultura de responsabilidade partilhada, maior democraticidade e uma maior representatividade, considerando que este modelo organizativo abria a possibilidade da direcção integrar um representante de cada nível de ensino. Tal não acontecia quando a opção era a de um «Director», dado tratar-se de um órgão unipessoal, que depois de eleito ou recrutado, escolhia dois docentes para o assessorar, conforme o previsto no mesmo Decreto-Lei, no seu artigo 19º, ponto 6.

No distrito de Bragança, este movimento legislativo não alterou a representação feminina nas hierarquias dirigentes da escola. Olhando para o ce-

nário encontrado (Conselhos Executivos), percebemos que os professores continuam, em grande maioria, na direcção e gestão das escolas. Afinal, que razões justificam que as mulheres continuem a não aceder aos lugares de decisão, ou seja, ao topo da hierarquia. Que razões justificam a feminização no ensino sob liderança masculina?

Os indicadores, mostram-nos que os Presidentes dos Conselhos Executivos, num total de 26, apenas, três eram professoras, como poderemos observar no quadro seguinte:

AGRUPAMENTO / ESCOLA	Sexo	
	M	F
Agrupamento Vertical de Escolas de Alfândega da Fé	-	X
Agrupamento Vertical de Escolas Augusto Moreno	-	X
Agrupamento Vertical de Escolas Paulo Quintela	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Izeda	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo Emídio Garcia	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo Miguel Torga	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo Abade de Baçal	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Carrazeda de Ansiães	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Freixo de Espada à Cinta	-	X
Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Macedo de Cavaleiros	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Miranda do Douro	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Miranda do Douro	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Sendim	X	-
Agrupamento Horizontal de Escolas de Carvalhais	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas Luciano Cordeiro	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Torre de Dona Chama	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Mirandela	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas Mogadouro	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Mogadouro	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Torre de Moncorvo	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Torre de Moncorvo	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Vila Flor	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Vimioso	X	-
Agrupamento Vertical de Escolas de Vinhais	X	-
Escola Secundária com 3.º Ciclo de Vinhais	X	-
<b>TOTAL</b>	<b>26</b>	<b>3</b>

Quadro II - Presidentes do Conselho Executivo tendo em conta o género

Não pretendendo generalizar, nem retirar grandes ilações, duma forma precipitada, somos levados a acreditar que o peso da tradição, na forma de organização social, em termos de divisão do trabalho, associada ao género, subsiste e há papéis sociais que são, tendencialmente, desempenhados por uns ou por outros. Deste modo, parece tornar-se claro que a mulher continua a não conseguir contornar os obstáculos (de ordem social, profissional, política e outros) que a impedem de exercer um direito fundamental de cidadania, quer nas escolas, quer em muitas outras organizações sociais.

Entendemos que estas evidências testemunhadas nas nossas escolas são o espelho da sociedade portuguesa, simbolizando a fraca representatividade das mulheres, mesmo considerando os reptos da sociedade contemporânea. Nesse sentido, diz Lígia Amâncio que a sociedade portuguesa *demonstra que há convergência de significativos factores de mudança, mas cuja repercussão é limitada por formas de organização social divisão do trabalho e de relações entre os sexos que são profundamente tradicionais e que entram os efeitos desta mudança em sentido lato* (1998, pág. 16).

As palavras da investigadora citada, sugerem um conjunto de razões para que esta situação tenha sido sinalizada, mesmo na actualidade. Mas, com rigor, não sabemos porque razão (ou razões) a representatividade das mulheres continua tão fraca nos lugares de decisão, considerando que estamos na presença de uma profissão maioritariamente feminina e no caso concreto, do distrito de Bragança, 74% dos professores são mulheres e apenas 26% são homens.

Esta breve análise, sugere a uma nova preocupação, procurando agora analisar a gestão intermédia particularizando sobre a representatividade dos elementos eleitos para o cargo de Vice-Presidente. É isso que nos propomos fazer, já no ponto seguinte.

### Os Vice-Presidentes na Direcção Executiva

Como já referimos ao analisar o caso da gestão e administração das nossas escolas, constatamos que os homens têm uma forte representatividade como Presidentes dos Conselhos Executivos. Face a esta evidência, decidimos que seria pertinente analisar também a gestão e administração, mas ao nível do cargo de Vice-Presidente. Perante as percentagens anteriores várias questões se nos colocaram, tais como: Qual o número total de Vice-Presidentes a exercer no distrito? Será que o número de mulheres que exercem este cargo é mais significativo? Será que a situação verificada anteriormente é a mesma, ou as percentagens de participação são mais equilibradas? Estas e outras questões levaram-nos a problematizar a situação. Para uma análise com de maior pormenor vejamos:

Escola/Agrupamento	Níveis leccionados	N.º de Elementos do Órgão de Gestão	N.º de Vice Presidentes	Sexo Feminino	Sexo Masculino
Agrupamento Vertical de Escolas de Alfândega da Fé	J1/EB1/2º e 3º Ciclos/Sec.	5	4	1	3
Agrupamento Vertical de Escolas Augusto Moreno-Bragança	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Agrupamento Vertical de Escolas Paulo Quintela - Bragança	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	1	2
Agrupamento Vertical de Escolas de Izeda - Bragança	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	3	0
Escola Secundária Abade de Baçal - Bragança	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Escola Secundária Ermidio Garcia - Bragança	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Escola Secundária Miguel Torga - Bragança	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Carrazeda de Ansiães	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	5	4	1	3
Agrupamento Vertical de Escolas de Freixo de Espada à Cinta	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Escola Secundária de Macedo de Cavaleiros	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Miranda do Douro	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Escola Secundária de Miranda do Douro	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Sendim	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Mirandela	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	1	2
Escola Secundária de Mirandela	3º Ciclo e Sec.	4	3	3	0
Agrupamento Horizontal de Escolas de Carvalhais	J1/EB1	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Torre de Dona Chama	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	3	2	2	0
Agrupamento Vertical de Escolas de Mogadouro	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Escola Secundária de Mogadouro	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Torre de Moncorvo	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Escola Secundária Dr. Ramiro Salgado de Torre de Moncorvo	3º Ciclo e Sec.	3	2	1	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Vila Flor	J1/EB1/2º e 3º Ciclos/Sec.	5	4	2	2
Agrupamento Vertical de Escolas de Vimioso	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Agrupamento Vertical de Escolas de Vinhais	J1/EB1/2º e 3º Ciclos	4	3	2	1
Escola Secundária de Vinhais	3º Ciclo e Sec.	3	2	2	0
<b>TOTAL</b>		<b>96</b>	<b>70</b>	<b>41</b>	<b>29</b>

Quadro III – Órgãos de Gestão e Administração das Escolas e Agrupamentos de Escolas

Em síntese, verificamos que eram 70 Vice-Presidentes, dos quais 41 eram mulheres e os restantes 29 eram homens. Da reflexão desta informação, constatamos que há um aumento da representatividade, das professoras, quando comparativamente com a situação encontrada na direcção executiva. No entanto, as discrepâncias encontradas continuam a ser consideráveis, se tivermos em conta que o número de homens a exercer na docência é, claramente, reduzido. Mesmo assim, parece agora haver um maior equilíbrio na representatividade, em nada semelhante ao que aconteceu quando analisamos a representatividade das mulheres como elementos do topo da hierarquia na gestão das escolas. Porém, estas percentagens continuam a não reflectir a feminização que caracteriza, indiscutivelmente, esta profissão.

É notório que os homens continuam a aceder com maior facilidade aos cargos de gestão e administração das escolas. Estas constatações talvez não sejam muito diferentes das que verificamos em outras organizações sociais. E, por isso, a igualdade entre géneros, é uma questão por resolver na sociedade e consequentemente nas escolas. Reconhecemos que a resolução não é fácil porque passa pela imitação dos modelos criados pelos homens. Eles são desde sempre a referência universal. Testemunhando a premência desta questão e considerando a sua dimensão internacional o Relatório da UNESCO «Rumo às Sociedades do Conhecimento» sublinha que a igualdade entre homens e mulheres constitui um *dos principais desafios lançados à emergência das sociedades do conhecimento* (Bindé, 2007, pág. 289)

Na verdade muito do tempo das mulheres é dedicado à esfera familiar, razão pela qual as organizações continuam a privilegiar o emprego de homens, pois a maternidade e a organização da família ocupam grande parte do seu tempo e da sua intelectualidade. Passam a ter pouca disponibilidade. Elas próprias, acabam por se sentir realizadas quando conseguem encontrar o equilíbrio entre dois campos – família-trabalho (Touraine, 2008).

Tudo isto, não significa que as mulheres sejam menos qualificadas, bem pelo contrário. O que se verifica é que as mulheres não conseguem, com facilidade, ultrapassar um determinado escalão das pirâmides hierárquicas, quer na sociedade quer nas escolas. Quando tal acontece já tiveram que prestar muitas provas de competência. E o ensino superior é bom exemplo: *30% do corpo docente do ensino superior são mulheres e apenas 13% chegam à cátedra*. Este cenário dificulta a sua influência em termos de definição das políticas científicas, conforme os dados do Relatório Europeu «Europa precisa de mais cientistas» (Mariano Gago, 2005). O mesmo se passa na Alemanha, em que as mulheres formam 50% do contingente universitário, mas quando se trata de seguir carreira, as mulheres estão muito atrás dos homens, tanto no ambiente académico, como nas empresas do país. Entre os catedráticos há apenas uma mulher entre seis homens (cf. <http://www.dw-world.de/dw/article/0,3706770,00.html>).

## Considerações Finais

Como notas soltas, chamamos à atenção para alguns paradoxos encontrados e sobre os quais é preciso continuar a reflectir. Salientamos que a informação recolhida nos permitiu verificar que há grupos de docência que são quase um exclusivo das mulheres, como é o caso da educação de infância e do 1º ciclo do ensino básico. No 2º e 3º ciclos do ensino básico o número de homens não é tão reduzido. No entanto, numa forma geral, as mulheres estão em maioria na docência, validando por isso a opinião de alguns investigadores (Cruz, 1998, Araújo, 2000, Nóvoa, 2005, Graupe 2008). Confirmamos claramente que é uma profissão exercida no feminino. Quando se analisa o caso particular da gestão, ao nível da Direcção Executiva, deparamo-nos com a fraca representatividade das mulheres, apesar da profissão ser, maioritariamente, exercida no feminino. Relativamente aos cargos de gestão intermédia (vice-presidente) reconhece-se que há uma inversão das percentagens, embora não traduzam a elevada feminização da profissão professor. Estas, continuam com dificuldades em aceder ao topo das hierarquias dirigentes (e não só nas escolas), embora se encontrem sinais evidentes de mudança. Porque será que ensinar continua a ser uma profissão de mulheres? Porque será que as mulheres continuam com dificuldades em aceder ao topo da hierarquia, na liderança das escolas? Esta situação emerge, contemporaneamente, na sociedade portuguesa e não só nas escolas. O mesmo sucede, por exemplo, na Alemanha em que as mulheres representam a maior quota de sucesso escolar, mas ainda assim não *significa que elas alcançaram os altos cargos nas empresas, nas áreas técnicas, na política. Não se pode esquecer que ainda há muitas profissões predominadas pelos homens* (cf. <http://br.monografias.com/trabalhos914/meninos-professores-magisterio/meninos-professores-magisterio2.shtml>).

Estas e muitas outras questões ficam em aberto à espera de novos contributos e a necessitar de clarificação do ponto de vista da fundamentação teórica. Parafraseando, Mareli Eliane Graupe (2008), espera-se que a educação possa dar o seu contributo investindo no desenvolvimento de cidadãos, homens e mulheres, *livres de estereótipos apropriados para cada sexo e que enfatize os princípios de competência, responsabilidade, ética, cidadania e respeito a si mesmo, aos outros e ao universo*. Acreditamos ser este o repto da sociedade do Séc. XXI e professores ou professoras esse facto, só por si, é irrelevante. Esta é uma preocupação que sustenta, exclusivamente, o desenvolvimento humano em qualquer geografia do planeta.

## Bibliografia:

ABRAHAM, Ada (2000). *El enseñante es también una persona – Conflictos y tensiones en el trabajo docente*. Editorial Gedisa S.A., Barcelona.

AMÂNCIO, Lúcia (1998). «A questão do género», in *Jornal A Página da Educação*, Lisboa, Março, pág. 16.

ANDRADE, Maria (2005). «Vocação ou desvalorização?», in *Jornal A Página da Educação*, Lisboa, Agosto/Setembro, pág. 18.

ARAÚJO, Helena Costa (2000). *Pioneiras na Educação – As Professoras Primárias na Viragem do Século 1870-1993*. Instituto de Inovação Educacional, Lisboa.

BAPTISTA, Isabel (2005). *Dar Rosto ao Futuro: A educação como compromisso ético*. Profedições, Porto.

BINDÉ, Jérôme [coord.] (2007). *Rumo às Sociedades do Conhecimento – Relatório Mundial da UNESCO*. Instituto Piaget, Lisboa.

CAVACO, Maria Helena (1993). *Ser Professor em Portugal*. Editorial Teorema, Lisboa.

CRUZ, Braga da *et al.* (1989). *A Situação do Professor em Portugal*. Relatório da Comissão criada pelo Despacho 114/ME/94 do Ministro da Educação, Ministério da Educação, Lisboa, (documento policopiado).

GRAUPE, Mareli Eliane (2008). Meninos são uma catástrofe na escola: quota de professores homens no magistério alemão pode ser uma solução?. *Revista Espaço Académico*, nº 86, Julho, Brasil

LEMOS, Jorge; SILVEIRA, Teolinda (1998). *Autonomia e Gestão das Escolas*. Porto Editora, Porto.

MÓNICA, Maria Filomena (1978). *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*. Editorial Presença, Lisboa.

NÓVOA, António (1987). *Le Temps des Professeurs*. Instituto de Investigação Científica, Lisboa.

NÓVOA, António [org.] (1995a). *Profissão Professor*. Porto Editora, Porto, 2ª Edição.

NÓVOA, António (2005). *EVIDENTEMENTE. Histórias da Educação*. Asa Editores, SA, Porto.

SACRISTÁN, J. Gimeno. (1995). Consciência e Acção Sobre a Prática Como Libertação Profissional dos Professores, in NÓVOA, António [org.] (1995a). *Profissão Professor*. Porto Editora, Porto, 2ª Edição.

TOURAINÉ, Alain (2008). *O Mundo das Mulheres*. Instituto Piaget, Lisboa.

### **Legislação Consultada**

Lei nº 46/86, de 14 de Outubro – Lei de Bases do Sistema Educativo.

Lei nº 115/97, de 19 de Setembro – Alterações à Lei de Bases do Sistema Educativo.

Decreto-Lei nº 139-A/90, de 2 de Abril – Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores do Ensino Básico e Secundário.

Decreto-Lei nº 1/98, de 2 de Janeiro – Alterações ao Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores do Ensino Básico e Secundário.

Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio - Regime de Autonomia, Administração e Gestão dos Estabelecimentos Públicos da Educação Pré-Escolar e dos Ensinos Básico e Secundário.

### **Endereços Electrónicos**

<http://www.dw-world.de/dw/article/0,3706770,00.html>

<http://www.tor.cn/chinfootball/dw/article/0,,2828758,00.html>

<http://br.monografias.com/trabalhos914/meninos-professores-magisterio/meninos-professores-magisterio2.shtml>

Wilhelm von Humboldt, considerado como el padre de la reforma educativa prusiana, desde 1809 pone en funcionamiento el sistema educativo alemán, uno de los más influyentes en el mundo. El nuevo modelo de universidad investigadora plasmada en la de Berlín, la propuesta de sistema educativo unificado, el gimnasio humanista y el impulso a la formación profesional serán algunas de sus señas de identidad, y también de reconocimiento internacional.

Hay que referirse a importantes contribuciones de la pedagogía alemana contemporánea, así como de la procedencia filosófica, del nivel de Kant, Froebel, el idealismo, el krausismo, por citar solamente algunos, sin las que sería muy difícil comprender movimientos de renovación pedagógica tan relevantes en España, Portugal y América como la Institución Libre de Enseñanza. O desde otra perspectiva, buena parte de la propuesta socioeducativa del franquismo en el siglo XX al margen de las pautas marcadas por el nacionalsocialismo en Alemania. Muchas de estas propuestas pedagógicas alcanzan de forma influyente a toda Europa, y también a España, Portugal e Iberoamérica. De ahí la importancia de un estudio histórico-comparado de estas influencias, puesto que apenas se ha realizado de forma colegiada e intensa.

Así pues, esta publicación, que lleva por título «Influencias alemanas en la educación española e iberoamericana (1809-2009)», se edita con el afán de analizar la influencia de Alemania en la pedagogía y en la educación de la España de los dos últimos siglos, desde la escuela primaria hasta la universidad, desde los ámbitos escolares y desde los no formales; aglutinar una reflexión apenas insinuada sobre el impacto de la pedagogía alemana en toda Iberoamérica, muy perceptible en países como Brasil, Colombia, Argentina, México, Chile; y ofrecer a los colegas historiadores de la educación en Portugal un marco de encuentro y análisis sobre cuestiones semejantes, puesto que los procesos de penetración de las ideas y prácticas pedagógicas procedentes de Alemania guardan una notoria sintonía con los de otros países del mundo Mediterráneo.



GOBIERNO  
DE ESPAÑA

MINISTERIO  
DE CIENCIA  
E INNOVACIÓN



UNIVERSIDAD  
DE SALAMANCA



Junta de  
Castilla y León



sephe  
Sociedad Española para el Estudio  
del Patrimonio Histórico-Educativo

ISBN 978-849522992-2



9 788495 229922